

O desenvolvimento urbano do apartheid





Malindi Neluheni

South African College of Aeronautics
and Technology (SACAT), Centurion,
África do Sul

TRADUÇÃO:

Hugo Manuel Abreu Tomás
HSBC, Londres

Céline Veríssimo

¡DALE! / UFBA, MALOCA / UNILA, PPGPPD e CAU / UNILA, DAMG / UPT

O desenvolvimento urbano do apartheid

Resumo

Dedicado aos efeitos do regime do apartheid em espaços urbanos racialmente segregados, este texto faz parte do memorável livro "White papers black marks: architecture, race, culture" de 2000, organizado pela arquiteta Ganesa-Escocesa Lesley Lokko. O artigo parte de uma análise crítica sobre a segregação racial e espacial do apartheid, com a duplicação de serviços e equipamentos: correios, escolas, mercados, etc. com sinais sobre quem podia utilizar o espaço e onde. Publicado poucos anos depois da abolição do apartheid, com a eleição de Nelson Mandela em 10 de maio de 1994, Malindi Neluheni mostra-nos que o espaço foi a ferramenta mais eficaz do regime do apartheid e indica o "espaço do descontentamento" como seu legado no longo caminho por fazer, para uma efectiva reconciliação entre brancos e negros na África do Sul. Para tal, o texto analisa dois estudos de caso, um na África do Sul e outro nos EUA, a partir dos quais se elabora uma proposta para um novo urbanismo na "nova" África do Sul, dando particular enfoque na educação em geral e na educação em arquitetura e urbanismo em particular. *(Por não haver resumo no texto original, este foi feito pelos editores).*

Palavras-chave: desenvolvimento urbano, apartheid, segregação racial espacial, urbanismo africano, África do Sul, EUA.

El desarrollo urbano del apartheid

Resumen

Dedicado a los efectos del régimen del apartheid en los espacios urbanos racialmente segregados, este texto forma parte del memorable libro de 2000 "White papers black marks: architecture, race, culture", organizado por la arquitecta escocés-ghanesa Lesley Lokko. El artículo parte de un análisis crítico de la segregación racial y espacial del apartheid, con la duplicación de servicios y equipamientos: correos, escuelas, mercados, etc. con letreros sobre quién podría usar el espacio y dónde. Publicado pocos años después de la abolición del apartheid, con la elección de Nelson Mandela el 10 de mayo de 1994, Malindi Neluheni nos muestra que el espacio fue la herramienta más eficaz del régimen del apartheid e indica el "espacio del descontento" como su legado a largo plazo. por recorrer, hacia una reconciliación efectiva entre blancos y negros en Sudáfrica. Para ello, el texto analiza dos estudios de caso, uno en Africa del Sur y otro en EUA., a partir de los cuales se elabora una propuesta de nuevo urbanismo en la "nueva" Sudáfrica, con especial atención a la educación en general y a la formación en arquitectura y urbanismo en particular. *(Al no existir un resumen en el texto original, éste fue realizado por los editores).*

Palabras clave: desarrollo urbano, apartheid, segregación racial espacial, urbanismo africano, África del Sur, EUA.

Apartheid Urban Development

Abstract

Dedicated to the effects of the apartheid regime on racially segregated urban spaces, this text is part of the memorable 2000 book "White papers black marks: architecture, race, culture", organized by the Scottish-Ghanaian architect Lesley Lokko. The paper starts from a critical analysis of the racial and spatial segregation of apartheid, with the duplication of services and equipment: post offices, schools, markets, etc. with signs about who could use the space and where. Published a few years after the abolition of apartheid, with the election of Nelson Mandela on May 10, 1994, Malindi Neluheni shows us that space was the most effective tool of the apartheid regime and indicates the "space of discontent" as its legacy long way to go, towards an effective reconciliation between whites and blacks in South Africa. To this end, the text analyzes two case studies, one in South Africa and the other in the USA, from which a proposal for a new urbanism in the "new" South Africa is elaborated, with a particular focus on education in general and on education in architecture and urbanism in particular. (Since there is no abstract in the original text, this was done by the editors).

Keywords: urban development, apartheid, spatial racial segregation, African urbanism, South Africa, USA.



Na África do Sul pós-apartheid, escrever tem-se tornado uma questão cada vez mais problemática, particularmente na escrita académica, onde uma certa abertura e liberdade de expressão, crucial para a reconstrução de certos campos de investigação, têm sido (erradamente) assumidos. Historicamente, muito se tem escrito sobre a vida no apartheid, embora isto tenha sido feito predominantemente de fora da África do Sul, em vez de a partir de dentro, em grande medida devido à verdadeiramente real ameaça de acusação e perseguição patrocinadas pelo Estado. Contudo, o aspeto mais controverso da questão da escrita é (mais uma vez) racial: é "melhor" para não-negros investigar e escrever sobre a situação dos negros, do que os negros escreverem para e sobre si mesmos. Ironicamente, aqueles que não levantaram um dedo, durante as várias décadas de opressão, tornaram-se subitamente disponíveis para oferecer soluções para os numerosos problemas da África do Sul, particularmente, os que afetam o ambiente urbano. Aqueles que são os sujeitos das novas iniciativas de planeamento urbano na África do Sul não têm, eles próprios, acesso algum à informação que é, em última análise, a "coisa" das suas vidas quotidianas. Como disse Sartre, "os explorados experienciam a exploração como a sua realidade" (SARTRE, 1988, p. 137).

Na prática de planeamento na África do Sul, é mais fácil ganhar acesso à bem guardada disciplina, através da consultadoria (devido a legislação governamental que especifica oportunidades para pessoas anteriormente em desvantagem, através da subcontratação e tutoria), mas na arena académica a situação é bastante diferente. Pode ser mais fácil entrar em instituições (especialmente as universidades brancas segregadas, com as melhores instalações e qualidade de ensino de topo) do que foi, por exemplo, há cinco anos atrás, mas proporcionalmente é mais difícil produzir trabalho académico "consistente". Mas

LAJE

n. 1
p. 206-231
2022

ISSN: 2965-4904

mais importante do que estas preocupações, às quais voltarei, é uma muito maior e mais fundamental dificuldade. Um dos mais urgentes problemas dentro da profissão de planeamento urbano na África do Sul é o desejo que certos segmentos da sociedade se "conforme". À medida que a profissão se abre para os negros (o segmento em causa), estes são atraídos direta e imediatamente a um turbilhão de teorias, filosofias e princípios que estão simultaneamente fora do alcance e dessincronizados das suas próprias experiências pessoais. Conforme se aplica pressão aos "não-brancos", para se conformarem a esse estilo de vida, o maior desafio que a profissão de planeamento urbano enfrenta na África do Sul são os padrões - especificamente, "os padrões de *quem*"?

Currículo e conteúdo

Na África do Sul, o ensino de planeamento urbano é pensado com ligações próximas às leis operacionais que foram sendo implementadas ao longo de décadas. Os currículos e conteúdos dos cursos que se vão fazendo, são definitivamente determinados por raça, classe e género. Nos anos 1980, quem fosse não-branco só seria permitido acesso a uma instituição de ensino superior se estivesse dentro da cota definida pelo governo. Existiam apenas alguns lugares reservados para estudantes não-brancos nas instituições "liberais" que ofereciam um currículo em planeamento, mais concretamente, as universidades de Witwatersrand, Natal e Cidade do Cabo. Se uma pessoa negra conseguisse de alguma forma obter acesso a uma instituição, ainda precisaria de uma autorização especial do Ministério da Educação do governo Nacionalista. Frequentemente, isto implicava sucessivas respostas negativas e a recomendação que "estaria melhor colocado num *Technikon*¹, do que numa universidade".

As instituições que ofereciam cursos em planeamento urbano e arquitetura, para além das notas, normalmente queriam ver portfólios de trabalho anterior, competências demonstradas e, no caso de pós-graduados, um projeto formal ou uma proposta de investigação, antes da admissão para um programa de pós-graduação. Escusado será dizer que, mais de metade dos candidatos negros tinham frequentado escolas locais nas suas *township*² ou nas "pátrias"³, nas quais nunca tinham ouvido falar ou sequer visto um portfólio ou uma mesa de desenho. Na maioria das situações, para os estudantes negros com aspirações de entrada em instituições terciárias, é difícil receber correio normal devido às fracas instalações de correio nas áreas periféricas e completamente impossível aceder ao material de estudo para produzir uma proposta.

Deste modo, a profissão de planeamento urbano nas instituições de ensino superior continua totalmente fora do alcance da maioria dos estudantes negros - é impossível produzir trabalho academicamente desafiante nestas condições. Como mulher negra que, de alguma forma, conseguiu lidar com estes entraves, penso sobre algumas conversas que tive em criança com amigos. Recordo-me que alguns deles tinham uma enorme vontade de ser uma "pessoa branca" quando lhes perguntavam o que queriam ser quando crescessem. Hoje, contudo, o maior entrave não só é conseguir acesso a estas instituições, como também o financiamento, uma vez que frequentemente as bolsas de estudo desconsideram o contexto de cada estudante. Muitas vezes, a educação de pouca qualidade que os estudantes negros receberam, significa que ser um estudante de topo numa escola ou universidade negra (onde mais de metade dos professores é branca), é-se considerado "bom" se obtiver 50% na sua primeira tentativa de entrada em qualquer curso, e "muito bom" se obtiver uma nota acima dos 60%. Nas instituições brancas são aplicadas regras diferentes. Um 60% não é certamente a melhor nota disponível. Esta situação também significa que, quando financiamento e bolsas de estudo são atribuídas, é exigido aos candidatos "notas de topo" - isto sempre significou que negros raramente se qualificam para fundos administrados por universidades.

Existe uma zona "cinzenta" decepcionantemente difícil que ainda persiste na profissão. A maioria das pessoas que sempre conheceram e escreveram amplamente sobre o tipo de planeamento que seria indicado para pessoas negras na África do Sul, na sua maior parte, viveram toda a sua vida em subúrbios brancos, tiveram acesso à melhor educação, escolheram onde viver e, crucialmente, tinham "controlo" político sobre as suas vidas através das urnas de voto. O seu curioso relacionamento unilateral com a vida, particularmente a vida urbana na África do Sul, também os tristemente qualificava (e somente eles) a escrever sobre as vidas dos negros nas suas "pátrias" e *township* do seu próprio país. Os conceitos e teorias utilizados nessas instâncias foram obviamente simuladas e imaginadas - erradamente enunciadas, pois não é de todo possível que pudessem ter "conhecido" a vida urbana em casas tipo caixa de fósforos no *Soweto*, caminhar em ruas escuras e poeirentas às 3 da manhã para apanhar um autocarro ou comboio para ir trabalhar na vila mais próxima, a 60 quilómetros de distância. Para milhões dos seus "compatriotas" Sul-Africanos, isto muitas vezes implicava deixar a família na aldeia remota para batalhar o sustento nas minas de Joanesburgo, passando um ano inteiro (e por vezes mais) longe das suas famílias em quartos individuais de albergues esqueléticos, regressando a casa ao que Govan Mbeki descreveu como "campos de



reprodução, onde homens procriam, nestas cabanas redondas, a próxima geração de trabalhadores baratos para os brancos" (SARTRE. In GORDIMER, 1988, p. 224).

É um fato comum que estudantes negros, ou não-brancos, experienciem mais problemas nas escolas de planeamento do que as suas contrapartes brancas: são muitas vezes retratados como os piores executantes, e parecem frequentemente apenas arranhar as matérias para finalizar a qualificação. Os estudantes negros, que são "muito inteligentes, mas mal preparados" na maioria das tarefas vivem uma estranha deslocalização - escrevendo e aprendendo sobre Newlands, Houghton e Sandton Square (o "arquétipo" das condições urbanas Sul-Africanas, aceitáveis para um discurso Europeu) em vez de reconhecer o outro lado do debate sobre planeamento - os cenários Africanos tradicionais que fazem parte do seu ambiente quotidiano e do seu apego sentimental.



Avanço e transição profissional

Um dos maiores problemas na profissão de planeamento na África do Sul pode ser descrito como o desejo de um certo grupo (negros) em se conformar, decorrente de ambos os lados da profissão - os promissores urbanistas negros e os seus bem-estabelecidos homólogos. À medida que a profissão se abre lentamente aos negros, estes são atraídos diretamente aos princípios e pontos de vista bem estabelecidos e profundamente enraizados, normalmente fora de alcance nas suas experiências pessoais. Mas os negros têm sempre de se conformar aos brancos. Nunca foi considerado como crítico, que a profissão, predominantemente branca, tenha de começar a adaptar-se às percepções, história e valores da maioria da população. Como é de esperar, há dois anos atrás, anúncios de emprego de empresas de planeamento (brancas) ainda aplicavam a ressalva de que "é um requisito para a vaga, ter afiliação ao *South African Institute of Town and Regional Planners*". Este instituto é uma entidade profissional, presidida e operada por homens brancos que, historicamente, não viam nenhuma razão em abrir a profissão para incluir os poucos urbanistas negros emergentes, respondendo às necessidades mutáveis do país, mas ainda utilizam esta ressalva como uma barreira ao emprego de não-brancos. Em grande parte, o maior desafio da profissão de planeamento Sul-Africana remete-se aos padrões, mais especificamente, os padrões de *quem?*

As empresas estão-se rapidamente a reverter para uma

cultura 'Africana' para retratar uma melhor imagem de negócio. Os quadros pintados pelas mulheres Ndebele neste avião a jato da British Airways podem também ser utilizados em edifícios, que é onde realmente são feitos na cultura Ndebele (THE STAR, 11 junho, 1997).

Se as coloridas casas Ndebele podem ser exibidas em Paris e nos Países Baixos, porque será "racista" sugerir que a África do Sul afasta-se da concepção de passeios de alta densidade e testa conceitos dos célebres aspectos *lapa* e *kgoro*, tão inerentes ao estilo de vida Africano? É irónico que o muito comum desenvolvimento de conjuntos de muros fechados e espaços de encontro comuns são liberalmente aplicados no contexto urbano Ocidental, sem que se reconheça as suas origens, que se encontram nas propriedades e domicílios Africanos, com base em fortes relações de parentesco e subsistência comunitária.



Outras formas de olhar para os padrões de planeamento e design

No mundo Ocidental, a percepção de umas férias em África é normalmente um safari, explorando o mundo selvagem da África Austral, um resort exótico nas margens de um lago no Malawi - ou até uma visita ao território Masai do Quênia. A vida e artefactos locais são importantes para o turista ocasional que compra dos locais, bens que eles trabalham para produzir com escassos recursos. Num sentido económico, o ecoturismo traz receita às pessoas locais, mas é triste ver como as práticas locais são frequentemente consideradas primitivas, ou nativas, e desvalorizadas como sem qualquer valor.

No caso da África do Sul, o muito necessário planeamento para prover habitação, está a ser feito num vácuo semelhante, sem levantamentos ou valorizações básicas das demandas locais, com as pessoas locais, como participantes ativos. Aqueles para quem o planeamento está a ser feito, são consultados apenas em termos de contratos, mão de obra e subcontratação. Tudo isto está muito bem, dado que as pessoas estão geralmente desesperadas por habitação, e há uma assumida necessidade de consulta, mas aí reside o perigo de que dentro de dez anos, a sociedade olhará para trás e perceberá que, em muitos aspetos, os erros do passado foram simplesmente repetidos. O governo Nacionalista fez o design, planeou e forneceu as casas de quatro quartos nas *township* (muitas vezes referidas como "caixas de fósforos" pelos moradores) e



albergues para alojar trabalhadores migrantes. O Soweto, que é uma *township* com mais de 4 milhões de pessoas, caracteriza-se apenas pela proliferação de “caixas de fósforo”, ausência de árvores e o fumo baixo que permanece sobre a *township*, dia e noite, dos milhões de fogões a lenha.

Fila após fila de cabines de tijolo, intermutáveis, idênticas em formação militar sem quaisquer pontos de referência arquitetônica para a comunidade - adicione-se ou subtraia-se uma fila aqui ou ali, nada seria notado. Reconheço o modelo imediatamente: Soweto, o paradigma sombrio das *township* negras segregadas na África do Sul. Com toda a experiência do mundo em humanização da habitação de interesse social à disposição dos seus urbanistas, (Sul-Africanos) estão a passar das suas cabanas de colmo redondas para isto (SARTRE. In. GORDIMER, 1988, p. 238).

Mas longe de ser uma massa homogênea, indiferenciável, aqueles que vivem nas *township* deste tipo, têm necessidades e aspirações extremamente diferentes. Por exemplo, as características dos utilizadores de transportes públicos incluem baixa propriedade de automóveis, baixa renda, casas em áreas residenciais de baixa densidade - frequentemente arrendatários, em vez de proprietários, vivendo longe dos centros das cidades e com baixo estatuto profissional. Na África do Sul, este segmento da população é sempre e apenas, negro. Para complicar mais ainda, seguindo o princípio colonial “dividir para reinar”, durante a era do *apartheid*, certos grupos étnicos foram incentivados a menosprezar outros. Escusado será dizer, que o seu perfil de grupo ainda mostra certos traços culturais que são bastante diferentes dos Sul-Africanos brancos (Europeus), mas que não fazem deles menos “Africanos” apesar de serem predominantemente residentes urbanos, e não pobres camponeses. As características da outra secção (branca) da população são, a propriedade dos automóveis, os rendimentos de classe média-alta, a residência em áreas de alta densidade, áreas residenciais suburbanas, serem proprietários e terem alto estatuto profissional. Num ambiente dinâmico “normal”, o tradicional persistente, assim como elementos novos e emergentes, têm de ser identificados. O comportamento histórico e ambiental torna-se importante na investigação para definir uma base de generalização. Na África do Sul, pelas razões acima delineadas, isto é altamente problemático. Da mesma forma, identificar os conflitos por detrás do planeamento e do design, ajudaria a lançar uma luz no que está a acontecer, quais são os problemas e como melhoramentos podem vir a ser feitos.



Textos de investigação urbana na África do Sul

No que respeita o planeamento e o design de cidades na África do Sul, a maioria das publicações tem pairado entre as políticas do *apartheid* (nas quais as *township* foram estabelecidas na periferia das cidades brancas) e textos de autores brancos, liberais (ver abaixo) que idealizam cidades "como deve ser" para acomodar negros. Dentro do escopo e quadro de referência desta proposta, autores liberais são vistos como aqueles que reconhecem as injustiças impostas aos negros pelo governo do *apartheid*, particularmente sobre os pontos de vista abaixo delineados.

A escrita de investigação urbana na África do Sul é claramente explicada por Hender (1991). Este é o período entre 1922 e 1970. A ideologia por detrás do planeamento urbano e rural acompanhou mais ou menos as linhas ideológicas do Partido Nacionalista: os negros eram menos desenvolvidos e os brancos decidiam por eles. Os negros eram vistos como sendo intelectual, espiritual e fisicamente responsáveis pelos seus próprios problemas, particularmente em termos de crescimento populacional. Os currículos dos cursos ministrados nas universidades suportavam esta filosofia. Contudo, o período entre 1970 e 1990, trouxe uma alternativa à teoria dominante. Este foi o período no qual o argumento era apologista das forças de mercado na economia urbana e da remoção de barreiras à urbanização. Durante o período de instabilidade no país, 1976-1990, uma série de académicos escreveu sobre a economia política da África do Sul, sugerindo como, face à revolta dos negros ter chegado a um ponto sem retorno, o governo poderia, e deveria, implementar certas estratégias de reforma. Durante este período, dezenas de negros estavam preparados para morrer em detenções, capturas, tiroteios e sucessivos estados de emergência, do que viverem sufocados pelas terríveis condições do *apartheid*.

Hender (1991) afirma que académicos liberais escreveram a postura controversa do Partido Nacional enquanto outros, tais como Dewar (1991) e a *Urban Foundation*, expuseram a política social sem analisar a razão pela qual os negros eram (são) pobres. Por outro lado, Maasdorp (1983), defendia fatores para reprodução económica positiva através do trabalho nas áreas urbanas. Estes autores também expuseram a possibilidade de desafiar os processos, as leis e os regulamentos existentes, como por exemplo, Nattrass e Ardington (1990) e Tomlinson (1990). Este grupo de escritores tentou compreender o problema da violência nas *township* e criticaram a própria ideologia que levou à criação das *township*. Esta categoria de autores defendiam a democracia



e o não-racialismo como soluções para os problemas urbanos. Este é o período no qual os ambientes urbanos são estudados fora do *realpolitik* - o lugar do humano no seu ambiente, pela quase primeira vez no discurso do planeamento na África do Sul, é visto como importante para a sociedade. Os argumentos de Hendler mostram que a habitação e a economia têm tido o seu lugar na economia espacial Sul-Africana, mas o *design e a implementação* de ideias das comunidades nas cidades, como entidades culturais, não tinham sido exploradas. Até agora, a história cultural e espacial da urbanização na África do Sul eram vistas como insatisfatórias: tendências de planeamento tinham sido determinadas pela política e por políticas do governo de então.

Durante este mesmo período, alguns autores (e.g. Muller, 1991) apelaram à consciência ao exporem a necessidade de não apenas envolver a população negra não representada, como também por questionarem os direitos morais e éticos dos decisores durante a era do *apartheid*. No seu trabalho, o autor sublinha a necessidade de ver essa participação no planeamento de ambientes urbanos, a ser estendida à maioria negra que eram (são) desfavorecidos, para permitir e incluir o auto-interesse, a auto-expressão, a manifestação de preferências e a tomada de decisões. Olivier (1991) observa a situação não como um político, mas como um urbanista. Ele revive o sofrimento da maioria urbana, pobre e negra, demonstrando como a disputa por serviços e acesso ao emprego trouxe descontentamento e frustração. Ele expõe ainda mais os contrastes na urbanização "branca", oposta à "negra", que resultou em tensões raciais e ressentimento dos poucos privilegiados pela maioria destituída. Um ponto de partida na consideração dos desejos e aspirações dos negros (ainda que como observadores e não participantes na implementação) no planeamento e no design dos seus ambientes urbanos, pode ser visto nas obras de Welch (1977). Um outro estudo pioneiro, que explora a forma como os residentes percebem o seu ambiente construído, foi feito por Moller e Schlemmer (1980), num levantamento sobre as necessidades e aspirações dos negros, no que respeita a habitação. A partir desse estudo ficou evidente que a qualidade de vida pode ser melhorada através de outros aspetos, tais como: medidas sociais, ambientais e de segurança pública. Noutro levantamento semelhante, pelos mesmos autores, observaram a performance dos distritos financeiros do centro da cidade de Durban e até que ponto os negros utilizavam esses serviços. Este levantamento estabelece uma base para a percepção dos residentes sobre o seu ambiente, mas também aqui, tal como no caso das obras previamente citadas, o aspeto cultural da população negra não é levado em conta. Até um certo grau, este estudo explora a interação social que ocorre nas áreas residenciais e a necessidade do design dos ambientes urbanos em atender a esta questão.

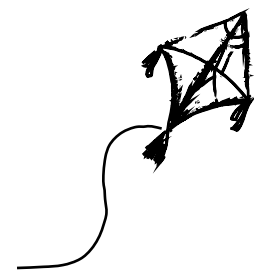
Tendo estado envolvidos num projeto para a provisão de habitação à população de Mangaung, Hardie e Hart, (1986) chegou a uma conclusão óbvia sobre a necessidade das comunidades contribuírem para o design das casas e ruas, e a necessidade de incluir as suas preferências no que respeita à futura expansão da sua cidade. Num estudo muito mais alargado de investigação em design ambiental e comportamental que lida com cidades do Terceiro Mundo, Chokor (1991) afirma que a disponibilidade de trabalho se tinha sempre concentrado nos ambientes urbanos Europeus e Norte Americanos e, como resultado, os métodos e técnicas de investigação para fornecer informação sobre os ambientes urbanos no Terceiro Mundo *não estão disponíveis*. Lang (1989), no seu estudo sobre as implicações do design de habitação na Índia, demonstra como o design não foi capaz de satisfazer as necessidades culturais. Ele critica a falta de uma explicação significativa na forma das casas e de como aspetos importantes das vidas das pessoas são desconsiderados quando se faz o design das habitações. No seu ponto de vista, algumas das características indispensáveis de uma comunidade que têm de ser atendidas através do design são: "espaços privados abertos, sistemas de transporte, instalações comunitárias, necessidades das mulheres, abluções, fachadas e traseiras, clima, uso cultural de materiais de construção, estética, modelos de reprodução económica, integração e segregação de atividades e necessidades de estilo de vida" (LANG, 1989, p. 387). Apesar deste estudo se focar especificamente na Índia, as conclusões obtidas por Lang são úteis para qualquer pessoa que estude um ambiente construído pós-colonial (definição à qual a África do Sul, em parte, pertence). Tendo investigado largamente em Estudos sobre Homem-Ambiente, Amos Rapoport (1969, 1976, 1990) afirma que não existe um campo literário especificamente pensado para a avaliação de cidades do Terceiro Mundo, dadas as específicas culturas e estilos de vida diferentes da sua população.

Muitas das diferenças fundamentais das sociedades tradicionais e modernas são conhecidas. Ligada a estas características sociais, argumenta-se, estão as respectivas arquiteturas. Na África do Sul, a arquitetura "tradicional" é geralmente associada com Africanos e é conseqüentemente encarada como tendo origem num mundo exótico, "outro" mundo de "tribos" e grupos étnicos. Mais especificamente, é muitas vezes entendida como assente num conjunto fixo de tradições "primitivas", cujas raízes estão imbuídas nas profundezas do tempo histórico. Ao longo dos anos, a subjugação sistemática e contínua de perspectivas e percepções locais e "tradicionais", levou à passividade e impotência vista na ideologia resultante e, em particular, no espaço físico. A arquitetura "vernacular" é obtida através da aculturação: nada deve ao design

consciente, mas é um comando instintivo do conhecimento sobre materiais específicos, que o arquiteto ou designer formado, devido à sua sofisticação, é incapaz de igualar.

Existem vários casos de áreas de parco design nas *township* da África do Sul, que, devido à inadequação inerente ou a falta de um oponente eloquente (dada a situação política que dura há anos), não passaram despercebidos - mas têm sido considerados como um compromisso doloroso, mas necessário. As *township* foram vistas como a única maneira de "permitir" uma vida e oportunidades de emprego aos negros, mais perto das então segregadas cidades. Os albergues, sem espaço exterior privado, muitas vezes em arranha-céus, cujo design foi feito para alojar imigrantes rurais, acostumados aos vastos espaços exteriores como modo de vida, casas de cidade e prédios habitacionais foram projetados por homens brancos de classe média, como quartos ou alojamento para solteiros, estão agora a ser arrendadas a famílias negras de seis ou mais pessoas. Recentemente, foi introduzido um esquema de subsídios de 15.000 rands que fornece casa de dois quartos a pobres na África do Sul. Os muitos problemas sociais - crime, em particular - podem muito bem ser direcionados aos arquitetos, designers e urbanistas das cidades sul-africanas, especialmente pela sua falha em responder aos muitos problemas sociais vivenciados pela maioria dos usuários destes espaços (pobreza, analfabetismo, desemprego, e mais importante, a falta de respeito pelos seus próprios valores culturais). No entanto, isto não desconsidera que existiram algumas intervenções positivas no design de espaços para servir as necessidades dos usuários. Estas iniciativas serão discutidas noutra local, mas as falhas acima expostas são importantes para guiar futuros urbanistas e arquitetos a considerar os bairros e espaços da nova África do Sul.

O *Group Areas Act* (embora agora dissolvido) serve de lembrete permanente daquilo que os nossos espaços urbanos continuarão a ser por um considerável período de tempo. Este fato é a base mais concreta para se perceber o passado urbano da África do Sul. Espaços públicos como correios, delegacia da Polícia e estações de comboios, foram construídos de uma forma, em que a completa duplicação de serviços era necessária para servir o *apartheid*, com sinais e marcações indicando quem podia utilizar o espaço, e onde. Mesmo com a aparente inclusão política que se pode encontrar hoje em dia na África do Sul, os centros das cidades, outrora domínio quase exclusivo dos negros, particularmente depois do horário de expediente, estão agora a esvaziar-se, assim como as *township* onde os negros que se podem dar ao luxo de pagar, fazem-no. Por outro lado, em nenhum dos casos, os brancos, ou aqueles das áreas "de côr" e "Indianas", se alguma vez se mudaram para as *township*. Isto aumenta



ainda mais a brecha na reconciliação, porque "outras" populações ainda consideram as *township* como insalubres, degradadas, ocupadas por vagabundos, cheias de assaltos e a necessidade de ter cuidado e desconfiar, a todo o momento. Isto perpetua o abismo criado durante os anos do *apartheid*. Para os milhões de negros que sobreviveram o pesadelo urbano com força, determinação e *ubuntu* - a bondade que só pode ser percebida dentro do contexto de comunidades culturais fortes e parentesco - esta deserção e a recente indiferença pelas autoridades ao seu compromisso, é praticamente a última gota de água.



O espaço como uma entidade para o descontentamento

Num esforço em fazer o design de ambientes construídos de uma forma integrada e que supra as necessidades da nova população "mista" da África do Sul, para que possa legitimamente ser referida como ambientes "híbridos", parece ser a solução mais aceitável. É evidente que, partindo do passado histórico da África do Sul em que os padrões que foram utilizados para o design da cidade eram políticos e excludentes por natureza. A maior preocupação de momento, como as diferenças políticas estão a ser resolvidas na mesa de negociação, é qual a melhor maneira de modificar esses mesmos espaços urbanos e incutir-lhes o espírito de reconciliação. Com a última e urgente necessidade de desenvolvimento de habitação, está a ser considerada a alternativa de alta densidade/passeios de baixa altura. Como não houve um levantamento nacional para este efeito, esta é ainda uma área de grande incerteza. As questões relacionadas com restrições culturais e de aceitação, em particular, são uma maior preocupação.

A teoria e os argumentos de suporte inclinam-se fortemente para aquilo que se tornou a retórica diária em termos de urbanização para negros - desde o melhoramento dos assentamentos informais, a provisão de infraestruturas básicas à reestruturação total de albergues para "comunidades". Contudo, o planeamento de ambientes construídos deve estender-se além da provisão básica de abrigo, escolas e instalações de serviços básicos de saúde. O espaço urbano Sul-Africano, tal como existe hoje, é resultante de diferentes e conflituosas ideias e momentos, dos vários processos de tomada de decisões. Os processos históricos, com as suas principais influências políticas de um determinado período, cada um deles deixou marcas nas formas e nos processos de urbanização. Do colonialismo ao *apartheid*, até o corrente

período de transição, foram tomadas decisões determinantes sobre o aspeto e comportamento das cidades Sul-Africanas. É importante compreender que os argumentos apresentados neste texto, e de fato, na sociedade Sul-Africana como um todo, não são sobre "raça", classe, cultura ou políticas predominantes. Atualmente, as pessoas "olham" para a cultura e identificam-se com ela de acordo com o "estado de espírito" mais recente - a África do Sul é um mundo em perpétua mutação. A forma imposta pelo ambiente construído passou a ser identificada com as circunstâncias do nosso país. Neste contexto, é importante ver cultura, identidade e problemas sociais contemporâneos como um "sistema", um conjunto holístico destas diversas influências (raça, classe, género, etc.).

Um problema importante a ser considerado para se perceber a urbanização, o uso da terra e a sua aquisição, é o sistema de propriedade da terra. Tradicionalmente, a terra era (e em alguns sítios ainda é) pertencente a um chefe, que depois a distribuía aos membros da comunidade. Com a vinda do colonialismo, este cenário foi radicalmente alterado pela desapropriação da terra dos povos indígenas e todo o sistema de título de propriedade foi formalizado segundo as tradições Ocidentais. Neste processo, áreas urbanas foram sujeitas a restrições de uso do solo, diretamente decorrentes desta história e como resultado, ocorreu uma densa compactação nas *township*, com as pessoas a serem literalmente espremidas em casas minúsculas e em lotes de terreno cada vez mais pequenos. Tradicionalmente, as pessoas teriam um lote de terra, propriedade de um clã com fortes e amplas ligações familiares. O sistema de posse da terra, nos ambientes construídos, está assim diametralmente oposta ao estilo de vida tradicional de coexistência comunal. Esta é uma história que tem de ser considerada. Do mesmo modo, é fundamental que, por muito que se idealize cenários tradicionais e se tente forçar os assentamentos urbanos a acomodarem-se em conformidade, existem restrições espaciais que devem ser consideradas. Como os negros foram excluídos em termos sociológicos e culturais do processo de urbanização na África do Sul, surge agora um problema de "identidade" com o atual ambiente construído. Para que se possa fazer o design de paisagens urbanas apropriadas, que sejam representativas dos seus habitantes, estes aspectos até agora ignorados, precisam ser integrados nos designs dos novos ambientes urbanos da África do Sul.

Em certa medida, estas questões têm sido articuladas pelo *Reconstruction and Development Programme* (RDP) do atual governo. O quadro político fornecido pelo documento do RDP tem como objetivo a reconstrução de todos os aspectos de vida para os anteriormente desfavorecidos, através de um leque muito mais amplo de



consultoria e participação. Novas formas de incluir toda a gente nos projetos para cidades e ambientes urbanos, estão agora a ser considerados, levando em conta a diversidade cultural da população da África do Sul. Muitas vezes, a necessidade de mudança na África do Sul está a ser implementada através de ação afirmativa. Neste sentido, é importante mencionar que de forma alguma os ambientes podem ser expressos, senão através da integração.

A identidade do lugar é vista como importante, do ponto de vista comunitário e psicológico. A falta de identidade do lugar, quer muitas vezes dizer que os espaços e instalações públicos são vivenciados como estranhos e adversos, o que normalmente leva à quebra das regras sociais. Os argumentos prosseguidos neste texto postulam identidade como a experiência vivenciada a vários níveis, não apenas à volta de edifícios. Edifícios, grupos de edifícios e espaços livres inseridos numa sociedade são projetados a partir de um sentido estético, mas é importante que estes sejam adaptados, e não apenas em termos da sua funcionalidade, mas também do significado social e estilo de vida dos usuários. Características socialmente importantes e relevantes devem ser os aspectos determinantes no design - e não a satisfação do ego do designer. Isto apela para elementos de apoio de características crucialmente importantes de um grupo, tal como unidades e instituições sociais. Rapoport (1990) identifica especificamente quatro conjuntos de características necessárias para ambientes de suporte:

- Unidades sociais centrais ou nucleares fundamentais do grupo e o seu papel na cultura.
- Unidades físicas respectivas a diferentes escalas - fixas e não-fixas.
- Unidades facilitadoras de integração social para o grupo em causa relativamente a outros grupos.
- Atividades institucionais, economia, recreação, rituais, governo e outras atividades - como estas são facilitadas na configuração específica da comunidade (RAPOPORT, 1990, p. 145).
- Depois destas serem claramente definidas, o design deve entender e claramente estabelecer o que é que procura fazer e porquê.

Tendências de mudança na teoria da urbanização

Na África do Sul de hoje, a investigação está a ser conduzida em torno do conceito de densificação por instituições de investigação, tais como a *Urban Foundation*, a *Industrial Research Bank of Southern Africa* (DBSA), o *Council for Scientific and Industrial Research* (CSIR) e a *Urban Problems Research Unit* (UPRU) da Universidade da Cidade do Cabo. A norma-padrão para o que constitui *alta* e *baixa densidade* difere de país para país, por vezes até de uma autoridade urbana para outra. Essencialmente, a densidade urbana é utilizada num plano de uso do solo que favorece espaços urbanos espacialmente ligados entre si e oportunidades de desenvolvimento. No contexto da África do Sul, este conceito pode ser positivamente ou negativamente utilizado. A situação, como ocorre nas *township* - no Soweto, por exemplo, que tem uma densidade sete vezes maior que a de Joanesburgo (CSIR, 1995) - é meramente o estreitamento do movimento, característico das *township* com as suas construções de baixa densidade de construção mas um alto nível de sobrepopulação. Isto foi um resultado direto da provisão de habitação, sem as necessárias infraestruturas de apoio. De forma positiva, a densificação deveria ser um processo de aumento da densidade populacional residencial e, simultaneamente, fornecimento proporcional de instalações para servir a população. Os sistemas de atividade tornam-se então relevantes, uma vez que se relacionam com a forma como as pessoas e as instituições, tais como agregados familiares, indústrias, governos e outras instituições, organizam as suas interações para produzir uma dimensão comunicativa. Isto é por vezes facilitado através dos média, mas muitas vezes no contato cara-a-cara que se faz possível pelos meios de transporte e de comunicação.

A promoção de desenvolvimentos de alta densidade e uso misto ao longo de corredores é um foco central de muitos dos projetos de reestruturação urbana que estão a ser iniciados pelo governo da África do Sul. No entanto, existem uma série de potenciais fatores inibidores que precisam ser avaliados. As características socialmente importantes de uma zona urbanizada são tão importantes como a estrutura em si, aspecto esse que tem sido historicamente ignorado. No contexto da África do Sul, a classificação de pessoas por grupos étnicos e linguísticos apenas alcançou os objetivos de "desenvolvimento segregado" do *apartheid*, mas não permitiu, à população urbana, o espaço, o lugar ou a oportunidade de desenvolver uma cultura urbana apropriada. No processo de melhorar assentamentos informais existentes (isto é, os bairros pobres)



não são apenas as necessidades residenciais e de abrigo que precisam ser prestadas, mas sim o desenvolvimento holístico das comunidades. A extensão dos laços suscetíveis de se desenvolverem numa comunidade de um assentamento informal é, em grande parte, definida pelo período de permanência: quanto mais tempo as pessoas viverem juntas e se habituarem a partilhar recursos, mais fortes serão os laços. Nos casos em que as comunidades são realocadas para dar lugar ao desenvolvimento, seja através de renovação urbana ou de parques verdes, esses laços são cortados, com implicações perturbadoramente negativas.

Outros métodos de desenvolvimento, estreitamente associados à modernização (incluindo produção agrícola, ainda que numa escala muito pequena, dado os recursos limitados do solo) podem e devem ocorrer para aliviar a escassez de comida e diminuir a dependência. Os resíduos e o escoamento de águas pluviais podem ser aproveitados para a produção agrícola, especialmente dos vegetais. Através de melhoramentos, outros recursos, tais como os esforços para espaços recreativos e criação do sentido de lugar, tornam-se muito mais estabelecidos nas comunidades e são capazes de prosseguir a partir dos laços comunitários já existentes. Economicamente falando, as *township* dependem das cidades. Enquanto que no passado, os moradores das *township* estavam em situação melhor do que os que viviam nas suas "pátrias", porque ainda podiam ter acesso às cidades durante o dia (desde que tivessem passes válidos para tal), torna-se agora mais oneroso possuir uma casa nas *township*. É geralmente aceite que as pessoas não viviam nas *township* porque queriam, mas porque assim tinha de ser. Estruturas fixas e permanentes, não são flexíveis: as pessoas podem encaixotar e levar os seus pertences com elas na sua busca de trabalho, mas a "caixa" da *township*, não. Enquanto existem poucas oportunidades de emprego nas "pátrias", o mesmo se passa nas *township* - mas o morador da *township* tem restrições em se mover na busca de emprego, pelos fatores acima mencionados.

Casos de estudo

A parte que se segue é dedicada a dois casos de estudo que são utilizados num esquema comparativo. O caso de Thohoyandou na Província do Norte, é utilizado como uma típica cidade "pátrias" que foi estabelecida pelo governo do *apartheid*. No contexto do desenvolvimento segregacionista, as cidades "pátrias" eram elegíveis para a "independência" da África do Sul - só então recebiam financiamento do estado central para gerir uma economia. Thohoyandou foi fundada em 1979, como a capital da "pátrias" de Venda.

É um típico exemplo de uma cidade que herdou práticas de planeamento urbano, especialmente em termos de design, dos padrões do Primeiro Mundo e está atualmente a passar por graves problemas. Neste estudo, todos os aspetos do interface rural/urbano (contribuindo para a estrutura existente), assim como as aspirações da profissão dos urbanistas da África do Sul, em formar esta cidade como um modelo de cidade "em desenvolvimento" (segundo padrões ocidentais) falharam.

O segundo caso de estudo é Ithaca, Nova Iorque, EUA. Os problemas aqui analisados são muito diferentes do caso da África do Sul. Esta cidade, tal como a de Thohoyando, é pequena e localizada num ambiente semi rural - a maior diferença é que já percorreu todo o seu ciclo de desenvolvimento. Os problemas que assolam Ithaca são como trazer de volta à vida urbana e revitalizar um ambiente de "pessoas por todo o lado" e criar uma "nova antiga cidade" que retém o seu interesse como uma alternativa suburbana. Mas, tal como a de Thohoyandou, a cidade de Ithaca tem os seus problemas no que toca à organização física, social, cultural e económica.

→ **Thohoyandou**

Enquanto houver explicações para a presente localização de Thohoyandou, essencialmente, ela foi fundada como a capital administrativa da então "pátrias" independente de Venda. Thohoyandou, assim como outras cidades capitais das "pátrias", era suposta se desenvolver e conter as pessoas, para que estas não se mudassem para a África do Sul branca.

Estrutura física

Os argumentos de Martin (1995) sobre o plano e disposição de uma área como reflexo das determinantes sociais, políticas, económicas e tecnológicas em funcionamento, são reais no contexto desta pequena cidade. Os planos e políticas para o desenvolvimento urbano, assim como a génese das instalações a serem fornecidas, foram todos ditados pelo governo Sul-Africano.

As principais funções de uso do solo na área também cresceram em resposta à tendência urbanística das "pátrias", nas quais as pessoas viviam na orla rural-urbana, mas desfrutavam dos serviços e funções oferecidos pelos centros urbanos. Atualmente, a expansão colide com as áreas rurais adjacentes e interfere com a autoridade tribal, especialmente na oferta e pagamento de serviços e funções.

Tomada de decisão para políticas de urbanização e uso do solo

O planeamento urbano tem, como objetivo final, a criação de comunidades com instituições para perpetuar e relacionar com as suas culturas, através da localização adequada de casas, comércio, equipamentos, lazer e outros elementos ambientais dentro de uma comunidade. O resultado final destes é visto numa paisagem tridimensional: os elementos espaciais da arquitetura, organização civil e paisagem urbana.

As eleições todas as raças de 1994 na África do Sul, foram um marco na história Sul-Africana, a alvorada de uma nova era para os negros Sul-Africanos. No contexto das leis de segregação neste país, os limites funcionais foram, por muito tempo, ultrapassados por fronteiras raciais. Escusado será dizer, que o zoneamento do uso do solo em Thohoyandou foi reduzido a esta forma de gestão económica, política, financeira e administrativa. O resultado das artificiais cidades "pátrias" criou um ambiente exterior de anti-espacos desconectados. A situação resultante é a limitação de contacto social e a falta de qualidade das estruturas na configuração urbana. O ambiente exterior adjacente deve ser visto e entendido além de edifícios, sítios, espacos pobremente definidos e objetos aleatoriamente dispersos na paisagem. A colaboração profissional entre urbanistas, arquitetos, paisagistas e designers urbanos deve guiar o ambiente equitativo da cidade no contexto das necessidades das comunidades. Tudo isto poderia facilmente acontecer se conseguirmos responder à vital questão "de que maneira se realiza tudo isto"?

A política de zonamento excludente utilizada ao longo dos anos resultou em duas economias paralelas a funcionar dentro da sociedade Sul-Africana. O *apartheid*, como uma estratégia de planeamento distinta, pensada para preservar o poder branco, a dominação e a exploração de mão-de-obra negra pelo sistema capitalista. Na sua própria justificação, é um plano urbano para uma coexistência racial pacífica. Dentro destas políticas e contexto histórico, Thohoyandou não recebeu linhas orientadoras formais para os procedimentos de planeamento. Recorrendo ao planeamento de preenchimento, foram desenvolvidos bolsas de terra que se encontravam dentro dos limites não tão distantes da cidade, à medida que a necessidade surgia. Isto criou sérios problemas à medida que as pessoas que ocupavam - e continuam a ocupar - a terra que tinha sido anunciada como parte da área metropolitana, ainda deviam lealdade aos chefes e governantes tradicionais locais, tornando a administração extremamente

difícil. A situação atual é tal que a terra disponível para a expansão urbana de Thohoyandou está esgotada, a não ser que a incorporação total de terras tribais aconteça.

No que diz respeito ao design urbano e à localização de edifícios, os princípios por detrás da arquitetura de Thohoyandou impedem um funcionamento adequado às pessoas a quem deveriam servir. A arquitetura é uma arte transparente que revela insinceridade e comprometimento. Em Thohoyandou, a imagem transmitida pela sua arquitetura revela a sua história degradante, assim como o efeito devastador do poder político centralizado.

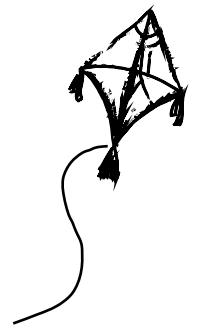
→ Ithaca

Os problemas das cidades do Primeiro Mundo são diferentes daqueles nos países em desenvolvimento. Nos Estados Unidos, os problemas urbanos são sobre segurança, limpeza, beleza e recriar a riqueza cultural das cidades. Renovação urbana, ao invés do planeamento urbano, é a maior força motriz. Para cidades como Ithaca, Nova Iorque, a revitalização da zona da baixa é a prioridade. É certo que, esta cidade tem a sua parte de problemas físicos, sociais e culturais.

Quando, em 1974, três blocos da baixa de Ithaca foram encerrados ao trânsito viário para criar um centro comercial pedestre, o objetivo era estimular o comércio e uma "sala de estar" animada e um local de encontro para a comunidade alienada. Seguindo a lógica dessa altura, foi decidido que áreas na baixa deveriam ser revitalizadas e transformadas em ambientes animados e densos, cheios de "pessoas por todo o lado", jantares ao ar livre, edifícios de escritórios e instituições públicas relacionadas com a comunidade, e criar uma "nova cidade velha" que mantém o seu interesse como uma alternativa suburbana. Em Ithaca, contudo, o antecipado *boom* comercial e financeiro não se materializou, embora os problemas que a cidade agora enfrenta não são únicos.

Estrutura física

A expansão suburbana de baixa densidade, tal como existe no lado noroeste do município em Lansing, é um exemplo do movimento funcionalista do século XX na criação de cidades-jardim. Aspectos físicos, tais como ruas, espaços abertos, parques, praças e edifícios precisam de se relacionar com o tecido social do município para o



ajudar a ultrapassar os tempos económicos difíceis que está a atravessar. A paisagem das ruas de Ithaca é um exemplo da austeridade económica que a cidade enfrenta. As ruas têm um ar "cansado, aborrecido e pouco convidativo" com uma clara necessidade de animação e detalhe. Os edifícios de escritórios são baixos, com um ou dois andares, assim como as lojas. O maior centro de comércio da área da baixa inclui bancos, escritórios de advogados, uma estação de correios e lojas. O "diapasão", uma junção de estradas em forma de Y, serve de entrada da Estrada 79 de Nova Iorque no lado oriental através da *State Street*, mas não serve para ligar a rua à cidade. Em suma, apesar da convidativa paisagem natural, a baixa de Ithaca não compensa, devido às pobres relações com a comunidade circundante que a alimenta.

Melhorias no núcleo comercial

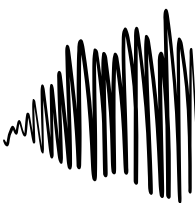
A cidade de Ithaca, apesar de diferente do caso anterior de Thohoyandou, tem dificuldade em revitalizar a sua baixa moribunda. Apesar de se basear numa fundação firme de um entusiasmo destemido, nobres intenções e um plano deliberadamente concebido, uma combinação de outros fatores, tais como o uso do solo, problemas sociais, habitação, circulação, preservação histórica, espaços livres e acesso pedestre têm de ser ainda melhor articulados, particularmente entre si. Devido ao seu lugar no desenvolvimento urbano e a avançada natureza dos problemas, Ithaca mostra os problemas de cidades ocidentais que não requerem reestruturação geral, mas têm de rever os seus regulamentos de propriedade e mecanismos de zoneamento para sobreviver. Esta estratégia só pode alcançar o equilíbrio das necessidades de todos as partes: empresas industriais e comerciais, agricultores, proprietários de casas, áreas urbanas e suburbanas e residentes rurais para que a baixa se mantenha economicamente viável. Dois conceitos continuam vitais neste exemplo: a necessidade e a possibilidade, no final de contas, não tão diferente dos conceitos que são necessários para a melhoria e o desenvolvimento em Thohoyandou.

Conclusão - síntese e o novo urbanismo na nova África do Sul

Os efeitos a longo prazo de uma educação pobre, têm pesadas consequências no tipo de graduados que a África do Sul produziu, especialmente nas instituições negras. Apesar de alguns terem adquirido a educação necessária, continuam sem poder tomar decisões críticas numa escala suficientemente abrangente. A educação tem sido sempre uma questão central em conduzir a perspectiva de mudança na África do Sul, particularmente quando se considera que foi a revolta dos estudantes em 1976 que trouxe a mudança política. Ainda não existe uma política que possa efetivamente alterar o que continua a ser ensinado, relativamente ao conteúdo e à metodologia nas instituições terciárias. Até hoje, muito continua inalterado.

A arquitetura tem uma forma de restringir o espaço sem limites, enquanto que o espaço nem sempre é demarcado por fronteiras físicas. As convenções culturais, sistemas codificados, comportamentos aceitáveis e não aceitáveis, assim como a utilização da cor para representar um estado de espírito nos edifícios, são frequentemente sutis, nas formas de habitar os espaços carinhosamente valorizados e são contemplados pela cultura negra. Nas atividades do dia-a-dia de um grupo, as formas como o tempo e o espaço são utilizados, dão significado e abrem canais de comunicação para as atividades da vida. As pessoas negras que estão habituadas a espaços abertos, devido aos seus fortes vínculos com as áreas rurais, possuem certas crenças que não são prováveis de desaparecer simplesmente porque moram em edifícios de dois andares. As estruturas para negros, cujo design foi feito por homens brancos de classe média, são apenas painéis que cozinham em lume brando futuros problemas. Em relação a este aspeto, deve-se ter em mente que por muito estressante esta mudança seja, é pior ainda em situações nas quais o ambiente não é de todo relacionado às necessidades e expectativas dos usuários.

Os Sul-Africanos negros são, justamente, orgulhosos da sua herança e cultura. As atuais estruturas indefinidas que são fornecidas pelo governo, como a habitação, carecem do carácter que torna os negros quem eles são. O pressuposto que os negros aspiram a padrões ocidentais de vida em geral, e para os tipo de habitação em particular, só pode ser verdade na medida em que as alternativas viáveis e apropriadas, particularmente no contexto urbano, estão ainda por desenvolver. Em certos casos, existe uma preocupação crescente das pessoas para quem os serviços estão a ser prestados de que, à medida que o desenvolvimento progride, aquilo que os residentes



consideram ser os aspectos mais importantes está a ser negligenciado. Isto não quer dizer que não existam boas intenções, quando as iniciativas de desenvolvimento são tomadas, mas, como em qualquer relação especialista-leigo, frequentemente os dois lados não sabem o que se passa no mundo um do outro. Neste sentido, há a necessidade urgente para que os decisores descubram os fatores que são necessários para contribuir socialmente na provisão das infra-estruturas, perante o sistema de atividades das comunidades. Isto deveria ser enfatizado em todos os projetos desta natureza. A forma como as pessoas sentem e interagem num espaço é justamente tão importante quanto aquilo que fazem nesse espaço.

Os problemas aqui apresentados encontram-se perto dos corações de muitos Sul-Africanos negros, particularmente porque pertencem a várias práticas culturais - arte, literatura, música, arquitetura e design urbano. Alguns dos esforços do governo na provisão de infraestruturas nas áreas anteriormente desfavorecidas, através do *National Public Works Programme*, produziu, até certo ponto, a lenta, mas certa percepção de que os negros são ávidos, capazes - e em alguns casos, literalmente a morrer por fazerem parte no design e controlo do seu ambiente construído.

Referências

CHOKOR, B. A. The Perception of Spatial Inequalities in a Traditional Third World City. *Urban Studies*, v. 28, n. 2, p. 233-253, 1991.

DEWAR, D. Political changes and the urban poor in South Africa. *Urban Forum*. n. 2, p. 93-98, 1991.

GORDIMER, N. **The Essential Gesture: Writing, Politics, Places**. Londres: Jonathan Cape, 1988.

HARDIE, G.; HART, T. Physical planning and community involvement: An experiment in the use of participation techniques in Mangaung, Bloemfontein. *Town and Regional Planning*, n. 21, 1986, p. 9-13.

HENDLER, P. The housing crisis. In: SWILLING, M.; HUMPHRIERS, R.; SHUBANE, K. (Orgs). **Apartheid city in transition: Contemporary South African debates**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

LANG, J. Cultural Implications of Housing Design Policy in India. In: LOW, S. M.; CHAMBERS, E. **Housing, Culture, and Design: A Comparative Perspective**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989, p. 375-392.

MAASDORP, G.G. Some Thoughts and Evidence on the Informal Sector. *Development Studies Southern Africa*, v. 5, n. 2, 1983, p. 197-204.

MARTIN, P. M. **Leisure and Society in Colonial Brazzaville**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MOLLER, V.; SCHLEMMER, L. **Quantity or quality?: a survey evaluation of housing in relation to the quality of South African Black township life**. Durban: Centre for Applied Social Sciences, University of Natal, 1980.

MULLER, J. Ethics: Theory and practice in South African planning. *Town and Regional Planning*, n. 31, p. 17-25, 1991.

NATTRASS, N.; ARDINGTON, E. (Org.). **The Political Economy of South Africa. Cidade do Cabo:** Oxford University Press; Joanesburgo: Thorold's Africana Books, 1990.

OLIVIER, J. L. State repression and collective action in South Africa, 1970-84. **South African Journal of Sociology**, v. 22, n. 4, 1991, p. 109-117.

RAPOPORT, A. **History and Precedent in Environmental Design.** Nova Iorque, Londres: Plenum Press, 1990.

RAPOPORT, A. **The Mutual Interaction of People and Their Built Environment: A Cross-Cultural**

Perspective. Berlim, Nova Iorque: De Gruyter Mouton, 1976.

RAPOPORT, A. **House Form and Culture.** Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1969.

THE STAR, **South African Newspaper**, Junho 11, 1997.

TOMLINSON, R. **Urbanization in Post-Apartheid South Africa.** London: Unwin Hyman, 1990.

WELCH, C. E. Peasants as a Focus in African Studies. **African Studies Review**, v. 20, n. 3, 1977, p. 1-5.

Notas

1 (Nota dos tradutores [N.T.]) O termo Teknikon refere-se a ensino profissional pós-ensino médio destinado a negros, durante o regime do apartheid e tinha conotação depreciativa de base racista.

2 (N.T.) Township, é o termo que usado na África do Sul durante o regime de segregação racial do Apartheid, referia-se a áreas urbanas desfavorecidas, localizadas nas periferias urbanas das cidades dos brancos, que eram reservadas para residência de negros, mestiços e Indianos.

3 (N.T.) Pátria ou terra de origem, cujo termo original em inglês é Homeland, fez parte de uma política territorial de desenvolvimento separado durante o regime do apartheid para atribuir cada Africano negro uma "pátria", de acordo com a sua identidade étnica. Foram criadas dez pátrias para livrar a África do Sul dos seus cidadãos negros, abrindo o caminho para violentas remoções forçadas em massa. Na década de 1970, o governo do apartheid concedeu uma falsa independência às pátrias negras da África do Sul. Isto serviu de argumento para negar a todos os Africanos os direitos políticos na África do Sul (Apartheid Museum, 2022).

